

EDUCAÇÃO INTERCULTURAL E METODOLOGIAS ATIVAS: UMA PROPOSTA PRÁTICA-FILOSÓFICO-REFLEXIVA-DECOLONIAL

Área Temática: Experiências com metodologias ativas no ensino básico e técnico

Gamalono Suruí¹

Ricardo Valim²

Livia Catarina Matoso dos Santos Telles³

RESUMO

Objetiva-se efetuar uma reflexão filosófico-decolonial sobre a relação entre as Metodologias Ativas e a Educação Intercultural a partir da vivência de um professor indígena. A metodologia empregada nesta pesquisa foi de cunho teórico-prática apoiada na literatura especializada em ambas as temáticas. Conclui-se que as Metodologias Ativas visam uma maior autonomia e autoria na formação discente, podendo ser aplicadas a Educação Intercultural. Seu contributo é verificado a partir de uma vivência prática da reflexão decolonizadora sobre as Metodologias Ativas desenvolvidas no espaço educativo intercultural, oportunizando o desenvolvimento de consciências críticas e autônomas.

Palavras-chave: Protagonismo; Discentes; Saberes; Autonomia; Método.

INTRODUÇÃO

Visando a necessidade de refletir sobre as Metodologias Ativas e a Educação Intercultural em que ambas podem ser compreendidas como fonte em que o sujeito que acessa o sistema educacional possa ser ele mesmo o protagonista e o autor de sua própria educação. Durante séculos os conhecimentos e saberes dos povos originários e em nosso recorte, os povos indígenas que tiveram seus saberes banalizados, distorcidos e desvalorizados. Estes saberes foram soterrados por uma imensa quantidade de conhecimentos do império hegemônico cognitivo eurocêntrico.

Nesta perspectiva só é considerado conhecimento se este é legitimado segundo as características norteadoras do conceito científico estipulado. Fora isso tudo passa a ser magia, fantasia, mitologia e crendices. Mas se as Metodologias Ativas que tem por objetivo o fortalecimento da identidade autônoma daquele que aprende quão importante não será esta ferramenta aliada a educação intercultural que valoriza os saberes outros dos povos originários.

Mas para que isso aconteça o papel do professor ainda é indispensável porque parte dele a sensibilidade para pensar a realidade de seus alunos com o intuito de tornar as aulas mais atrativas e produtivas. Ou seja, se há o desejo de alunos mais interessados é necessário pensar em métodos que sejam mais interessantes e atrativos também. É fundamental um

¹ Graduado em Ciências da Linguagem pela Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Mestre em Educação - UFRRJ. Docente na E.I.E.E.F.M Izidoro de Souza Meirelles - Cacoal, Rondônia, gmlnsurui@gmail.com

² Docente de Filosofia do Instituto Federal de Rondônia (IFRO), e Mestrando em Filosofia pela Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR), ricardovallim@ifro.edu.br

³ Doutoranda em Educação Escolar, Pedagoga do Instituto Federal de Rondônia (IFRO) Câmpus Porto Velho Calama, Av. Calama, 4985 - Flodoaldo Pontes Pinto, Porto Velho - RO, 76820-441, livia.santos@ifro.edu.br

planejamento que vise o desenvolvimento de atividades que sejam cada vez mais criativas e bem elaboradas.

As Metodologias Ativas aplicadas à educação intercultural devem buscar demarcar os espaços das salas de aulas como espaços de vida onde possam ocorrer de fato trocas de saberes, de crescimento humano e também de desenvolvimento de pesquisas. A relação de saberes dos povos originários aliado à educação convencional também tende a um fortalecimento de nossa identidade nacional enquanto brasileiros. A valorização das tradições dos povos indígenas permite o reconhecimento da multiplicidade de conhecimentos próprios de cada povo libertando o ser humano para o reconhecimento dessas mesmas muitas culturas para além de uma pretensa massificação genérica do que é ser indígena.

São as Metodologias Ativas uma importante ferramenta decolonial para a superação de compreensões equivocadas referentes aos povos indígenas brasileiros contemporâneos. Porque abrindo espaço para a manifestação dos saberes outros destes povos assegura não somente seu direito de comunicar seus conhecimentos, mas promove a descoberta da variedade de culturas que enriquecem nossa cultura nacional.

Objetiva-se, portanto, com este estudo uma reflexão acerca de um possível paralelo entre as Metodologias Ativas e a Educação Intercultural como forma de ampliar ainda mais os horizontes educacionais.

METODOLOGIA

O método empregado nesta pesquisa é pautado na experiência acadêmica e profissional de Gamalono Suruí na sua comunidade originária em Cacoal-RO e na revisão de literatura que se dedica às temáticas da decolonialidade, Metodologias Ativas e questões relativas aos povos originários e a educação intercultural.

Portanto, trata-se de uma proposta de estudo de cunho teórico acadêmico, mas também prático. E que tem sua relevância justamente porque não somente possui uma utopia teórica, mas está ligada diretamente aos condicionantes de uma prática educacional que enfrenta desafios cotidianos para manter o equilíbrio e a sobriedade das tradições originárias.

A metodologia contempla a análise de dados descritiva e os métodos utilizados pelo próprio autor para a realização do trabalho de forma efetiva no colégio em que leciona.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA, RESULTADOS E DISCUSSÕES

A fundamentação do presente estudo se pautou nas obras de teóricos como: ARAÚJO (2015), COSTA (2010), SMITH (2018), SOUZA; WITTMANN (2016) que desenvolvem pesquisas referentes às práticas educacionais interculturais, decoloniais e das Metodologias Ativas. Mas também a pesquisa se alicerça por sobre a experiência docente de Gamalono Suruí (2023) que vem desenvolvendo um importante trabalho junto às novas gerações de sua comunidade que adentram o sistema público da cidade de Cacoal no interior do Estado de Rondônia.

A educação eurocêntrica, presente no cotidiano escolar, evidencia considerável dívida histórica com os povos indígenas que formam a matriz cultural brasileira. Sendo assim, com o objetivo de problematizar estas questões que concernem aos povos indígenas brasileiros, a aplicação da Metodologia Ativa é bastante adequada, uma vez que os estudantes são conduzidos em movimentos contínuos de perguntas e teorizações que devem culminar em ações práticas.

Baseados na decolonialidade, que é um termo que emergiu da necessidade de ir além da ideia de que a colonização foi um evento acabado, pois entende-se que este foi um processo que teve continuidade, investigamos uma experiência de um professor indígena. Pela

caminhada pedagógica desse professor realizamos uma reflexão sobre o saber e a forma de adquirir conhecimento.

A forma como o “saber científico” estabeleceu, até recentemente, o lugar do indígena fora da História não foi por mero desconhecimento (por outro lado, o desconhecimento é também uma opção política e educativa). Trata-se sim da forma como se construiu o imaginário sobre o indígena desde a invenção da Nação Brasileira no século XIX, e porque não afirmar durante todo o período colonial (SOUZA; WITTMANN, 2016, p. 238).

Nesse movimento surge a necessidade de reformular e ressignificar concepções prévias, elaborando o próprio conhecimento. Tratamos assim de uma reflexão acerca dos encontros entre as Metodologias Ativas e a Educação Intercultural, no contexto da formação escolar. O debate sobre a interculturalidade surgiu no âmbito das lutas dos grupos sociais e em movimentos sociais que buscavam dar voz às minorias, como é o caso dos povos indígenas originários.

Já as Metodologias Ativas, conhecidas como Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL, na sigla em inglês Problem Based Learning) é a construção do conhecimento a partir da discussão em grupo de um problema. A Aprendizagem Baseada em Problemas é uma estratégia educacional em que um problema prático constitui a base para o aprendizado de informações relevantes.

Sabe-se que a escola é um ambiente caracterizado pela pluralidade cultural, em que relações entre diferentes culturas podem gerar tensões e conflitos, e que muitas vezes tende a silenciar ou neutralizar as diferenças pela dificuldade de lidar com a diversidade cultural existente. Neste sentido, a educação intercultural em parceria com as Metodologias Ativas, é importante para levar a comunidade discente a pensar de forma crítica a partir de seus próprios problemas e a encontrar soluções. Mas isso acontece por via da realização de debates e reflexões sobre a proposta de ensino intercultural e as Metodologias Ativas:

[...] a possibilidade de se abordar de forma mais ampla, complexa e plurifacetada a educação, os processos pedagógicos, os sujeitos implicados, as fronteiras construídas pelas ordens discursivas dominantes (COSTA, 2010, p. 135).

Para substanciar nossa reflexão acerca do tema valemo-nos da experiência de um dos autores, Gamalono Suruí, que atualmente leciona na E.I.E.E.F.M Izidoro de Souza Meirelles no Município de Cacoal, Estado de Rondônia. Ele trabalha com o ensino das Línguas Portuguesa, Inglesa e Língua Indígena (materna), buscou uma formação sólida que lhe possibilita a realização de um trabalho com profundidade em sua comunidade discente originária:

Então... eu trabalho aqui na minha comunidade já tem alguns bons tempos, desde 2004. Em 2009 eu fiz um curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural no município de Ji-Paraná, no campus de Ji-Paraná mesmo, na UNIR, e escolhi uma área de linguagem. Que desde que eu entrei para mim trabalhar na escola aqui, eu comecei a trabalhar com a disciplina de língua materna nossa. Então de preferencial eu escolhi essa área para mim graduar né, nessa graduação. Em 2016 eu fiz um mestrado na área de educação na Universidade Federal Rural de Rio de Janeiro, por motivo de... tava (sic) necessitando algum gestor aqui na minha aldeia, para entender melhor o que é a Educação Escolar Indígena, então por motivo dessa eu me desviei um pouco da minha graduação, senão se tivesse né algum profissional indígena tivesse nessa área eu ia continuar fazendo mestrado na mesma

área que eu graduei. Então eu fiz o mestrado na área de linguagem e a linha de pesquisa foi Educação Escolar Indígena e Educação Indígena por meio de projeto (Informação Verbal).

Neste sentido é preciso destacar também que a riqueza deste trabalho consiste na habilidade de poder lidar com outras línguas. Ou seja, aqui acontece um movimento em que os alunos podem aprofundar os conhecimentos que decorrem dos conteúdos de cada língua, mas também como estes conceitos podem se relacionar com a própria língua originária. Isso pode auxiliar no sentido de que o discente possa vir a sair mais preparado para transitar entre os saberes que elas oportunizam:

Eu trabalho com Língua Portuguesa, Língua materna nossa e Língua Inglesa. Eu nunca trabalhei disciplina isolada, sempre trabalhei junta, como interdisciplinar e é difícil sendo professor indígena e lecionar uma Língua Portuguesa isolada da Língua materna. Porque sempre eu comparo a Língua Portuguesa e a Língua materna e para a Língua Portuguesa. Por exemplo: quando eu trabalho algumas gramáticas de Língua Portuguesa, ao mesmo tempo vou trabalhar a gramática da Língua materna nossa e Língua Portuguesa também porque assim, a gente tem muitos desafios pra enfrentar como professor, como aluno, nas aprendizagens e a gente tenta buscar uma coisa real e ao mesmo tempo motivar os alunos pra que ele seja protagonista dentro do seu território, na área da educação, como preservação da cultura, preservação do território, e essas mudanças da culturas que vem acelerando muito a mudar a cultura nossa né. Então... é... na minha opinião a Educação Escolar Indígena está ligada ao seu território, porque no seu território existe a memória dos povos, dos ancestrais, existe o conhecimento tradicional dentro do seu território, existe uma metodologia, mitologia do seu povo, tudo a gente trabalha junto com os alunos (Informação Verbal).

Verificamos na prática do professor Gamalono Suruí que o mesmo utiliza o recurso denominado Metodologia da Problematização, como método de estudo, ensino e trabalho. Os subsídios teóricos, que fundamentam essa metodologia, estão dentro da perspectiva da Educação Humanizadora e Problematizadora, se constituindo numa proposta adequada para implementar ações e discutir pressupostos teóricos, que concernem à temática indígena na escola. A Metodologia Ativa propõe um rompimento com práticas arraigadas no contexto tradicional, dando visibilidade aos aspectos biológicos e psicológicos do aluno (ARAÚJO, 2015). Esse fato é importante porque está estritamente ligada ao ideal decolonizador em que assumem os povos originários a autoria de suas próprias existências epistêmicas. Sua originalidade existencial enquanto povo permanece porque não é diluída dentro do caldo cultural de outras culturas. Afinal, querem estes povos “[...] contar a nossa própria história, escrever as nossas próprias versões, a nossa maneira, para os nossos próprios fins” (SMITH, 2018, p. 42). Realizando esses processos tornam-se eles mesmos sujeitos reflexivos de uma educação que faz sentido porque parte de suas realidades existenciais, temporais e de sua própria cultura enquanto tal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados da pesquisa revelam que o uso das Metodologias Ativas aliadas à Educação Intercultural possibilita que os discentes não fiquem somente passivos diante da dinâmica do ensino e aprendizagem, mas que eles ao longo do processo possam assumir um protagonismo dentro da dinâmica de ensino. Não é um trabalho fácil e isso fica claro ao longo do texto mediante o relato de Gamalono Suruí que busca através de um trabalho sério demarcar espaço educativo em que as memórias de seu povo sejam preservadas e sobretudo

asseguradas para as novas gerações transcendendo assim o tempo e o espaço de suas identidades culturais.

O desenvolvimento de um perfil de pessoa mais empreendedora e dinâmica na educação é fundamental para acompanhar a realidade do mercado de trabalho e da sociedade na atual conjuntura social e política que nos encontramos.

Numa perspectiva decolonial metodológica o discente indígena, por exemplo, é estimulado a cada vez mais ampliar seus horizontes educativos considerando sua tradição ancestral em conexão com os saberes tecnológicos para que conectado a realidade sem perder sua essência possa ele mesmo protagonizar seu desenvolvimento e se posicionar com autoridade e autenticidade em sociedade.

Fica claro que nestes moldes que o discente já vem munido de conhecimentos prévios para a classe e o professor atento e sensível a essa dinâmica tem condições de trabalhar conhecimentos mais elevados com seus discentes sem precisar ficar numa busca incessante por dar conta de tudo.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, José Carlos Souza. **Fundamentos da Metodologia de ensino ativa**. 37^a Reunião Nacional da Anped, UFSC. 2015. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/trabalho-gt02-4216.pdf>. Acesso em: 18 jan 2023.

COSTA, M. V. **Sobre as contribuições das análises culturais para a formação dos professores do início do século XXI**. Revista Educar, 2010.

SMITH, Linda Tuhiwai. **Descolonizando Metodologias: Pesquisa e Povos indígenas**. Trad. Barbosa, Roberto G. Curitiba: Editora UFPR, 2018.

SURUÍ, Gamalono. **Gamalono Suruí**: Depoimento [jan. 2023]. Entrevistador: Ricardo Valim. Porto Velho, 2023. Entrevista concedida para a formulação da presente pesquisa.

SOUZA, Fábio Feltrin de; WITTMANN, Luisa Tombini. **Protagonismo indígena na história**. In: BRIGHENTI, Clovis Antoni. Colonialidade e Decolonialidade no ensino da História e Cultura Indígena, SC: Copiart, UFFS, 2016.